

## **“Prazer, Direito.”**

- Certamente você pode entender como impossível alguém se conhecer antes mesmo do nascimento de um ou de outro, no entanto, como estou aqui há muito tempo, conheço toda sua ascendência há gerações, razão pela qual te conheço desde o início da sua vida e, certamente, conhecerei também todos seus descendentes até, provavelmente, o fim dos tempos.

- Mesmo estando presente há séculos e te observando desde seu começo, talvez você não me conheça como seria adequado, e deve estar achando muito estranha esta conversa por me considerar um desconhecido. Porém, muito embora não me reconheça, talvez já deva ter sentido minha presença em algum momento de sua vida, ou, se ainda não a sentiu, certamente, um dia, sentirá, pois é fato: eu não vivo sem você, e você não vive sem mim.

- Para que eu viva, dependo de pessoas como você, pois sem elas sou inútil, perco minha razão de ser, e para que você conviva, e bem, com todas as outras pessoas, você depende de mim.

- Diante de tantas afirmações de que te conheço você pode estar pensando: “mas como me conhece se eu nunca o vi?”. Sua perplexidade não é de toda sem sentido porque efetivamente você nunca me viu, e isso pelo fato de que, corporeamente, não existo.

- Agora você poderia me perguntar: “Já que não posso te ver, que está entre nós, e que me conhece, seria você, então, um Deus?”. Devo confessar, até mesmo com uma nota de vaidade, que já me chamaram assim, ou que teria origem Nele; mas faz tempo...os tempos são outros.

- Por eu não possuir uma forma personificada, você nunca me viu ou verá, mas você conhece – ou já ouviu dizer – minhas, digamos, transmutações, as quais de certo modo corporificam meu amorfismo, dando-me uma forma. São as normas, ou, como são mais conhecidas, as leis.

- E com uma imensidão de leis me apresento, tanto que alguns me definem, a grosso modo, como um conjunto de leis, de normas.

- “Ah, agora sim. Então te conheço sim!” você deve estar se dizendo. Por isso disse no início que te conheço há tempos, vez que você já nasceu em meio às leis, mesmo que por um bom tempo de sua existência você não tenha se apercebido disso.

- Diante desta afirmação você pode se perguntar: “Ora, se por um bom tempo de minha existência eu não percebi sua presença, como então – já que você disse ser imprescindível para mim – eu convivi neste período?”.

- Isso foi possível porque em sua vida sempre houve regras que possibilitaram sua convivência, especialmente familiar, todavia, nem sempre foram só as minhas regras, as minhas leis, mas também outras, de outros tipos, sobretudo quando você ainda estava na infância e, até certo ponto, adolescência.

- Assim como você, todos os demais convivem também com outras normas que não as minhas, mas que são diferentes, e que são conhecidas como “costumes”, originados, ou ligados, a outros fenômenos como eu, que são, por exemplo, a Moral, a Ética, dentre outros.

- Não obstante serem tão importantes quanto eu, nossas normas são diferentes e, principalmente, possuem consequências diferentes, e isso é o que me torna tão distinto, “poderoso”. Se você descumprir uma norma costumeira, moral ou ética, você não será punido por ninguém ou nenhuma entidade, será, no máximo, repreendido pelos demais, como você certamente deve ter sido repreendido por seus pais quando era criança e fazia “algo errado”.

- Por outro lado, se você descumprir, ou for contra uma das minhas regras, minhas leis, as consequências serão em muito diferentes e, devo-lhe dizer, na maioria das vezes, desagradáveis.

- “Mas”, você pode se perguntar, “se você é tão importante para mim, para minha existência, como pode ter consequências ruins para mim?”. Boa pergunta. Você tem que entender que não existo do nada, que não fui criado por “geração espontânea”, mas, veja só que curioso, eu e minhas leis somos, na verdade, frutos, resultados, reflexos de você e de todas as demais pessoas com as quais você convive.

- Se minhas leis possuem consequências desagradáveis, também conhecidas como “sanções”, é porque vocês assim optaram, e com uma finalidade clara: protegerem-se uns dos outros, garantindo que todos convivam harmoniosamente. Todas minhas leis são frutos da vontade humana, da vontade de uma maioria que, em um determinado momento, entendeu que certa conduta humana é prejudicial à sociedade e que, por isso, não pode ser tolerada, ou então, que certa conduta humana deve ser realizada. Em caso de violação desta lei, aplica-se a sanção.

- Por esta razão que sou conhecido como um conjunto de regras, mas regras obrigatórias que garantem a convivência social graças ao estabelecimento de limites à conduta de cada um dos membros da sociedade.

- Sem meus limites, ou melhor, sem os limites que vocês mesmos se impõem através de mim, certamente a convivência entre vocês seria difícil, senão impossível. E esses limites são impostos, são escolhidos por vocês em virtude do que vocês entendem como, por exemplo, bom ou ruim e, principalmente, certo ou errado no convívio social, ou seja, escolhidos em razão dos chamados “valores” sociais.

- Creio que agora você já deve estar me reconhecendo, mesmo não me enxergando; você já deve estar se dando conta de que algo existe, de que algo paira no ar, algo que você sabe que está lá, não te observando, fiscalizando, mas regulando sua vida, impedindo você de fazer o que quiser porque você sabe que dependendo do que você fizer algo de ruim talvez te ocorrerá; você sente que algo te reprime, mesmo que você internamente lute contra estes limites por com eles não concordar, mas, devo lhe dizer novamente, você pode de mim não gostar, pode comigo não concordar, mas não vou deixar você e você não vai deixar a mim, porque, prazer, eu sou o Direito.